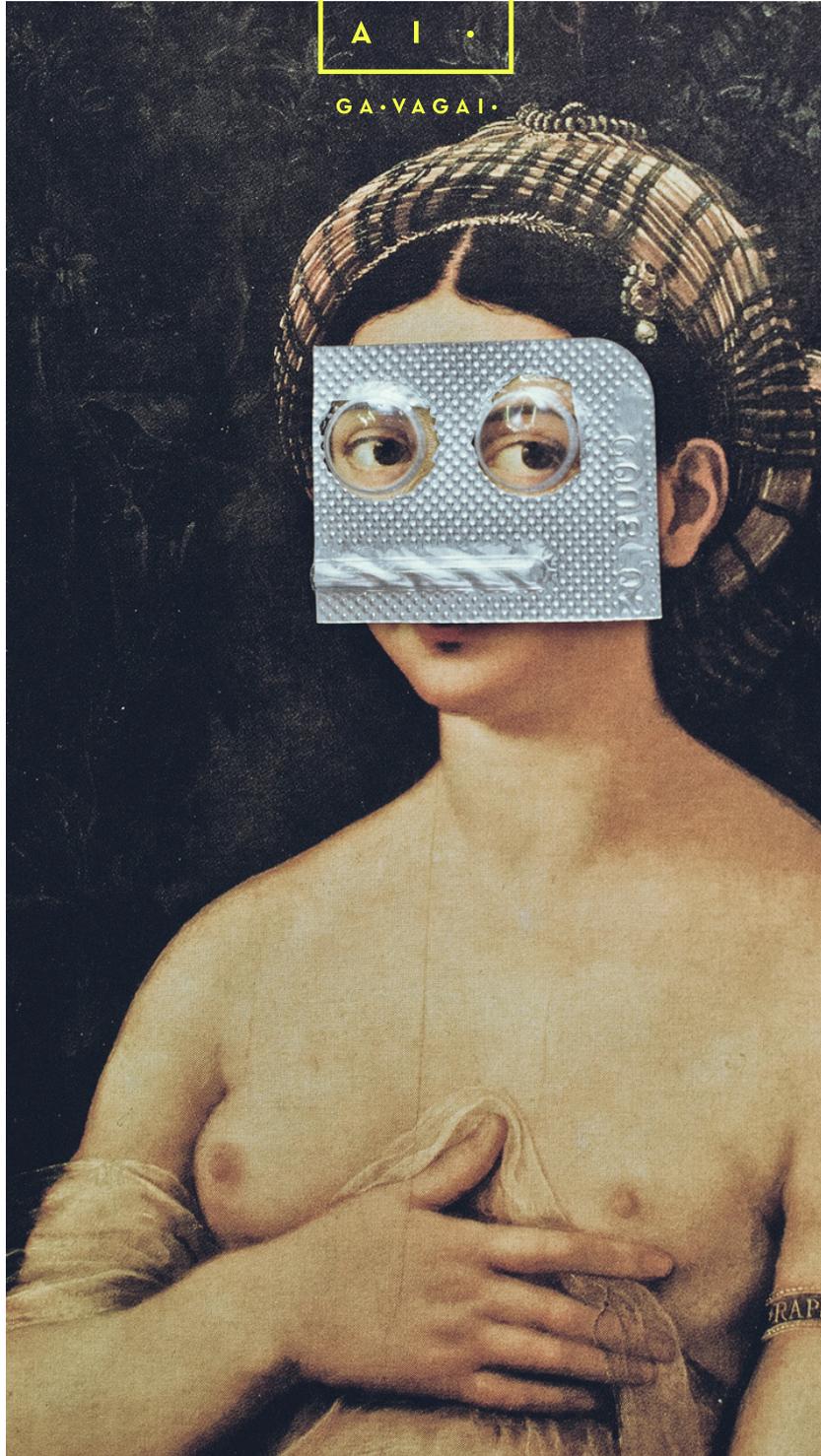


G A •
V A G
A I •

GA•VAGAI•





• GAVAGAI •

• REVISTA INTERDISCIPLINAR DE HUMANIDADES •

Grupo de Trabalho do Mestrado de Ciências Humanas
Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim

Endereço para correspondência / Dirección postal / Mailing address
Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim
Gavagai - Revista Interdisciplinar de Humanidades
Av. Dom João Hoffmann, 313,
Bairro Fátima, junto ao Seminário Nossa Senhora de Fátima
Erechim / RS . CEP 99700.000

Fone: (54) 3321-7050
E-mail: gavagai@gavagai.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Gavagai: Revista Interdisciplinar de Humanidades/Universidade
Federal da Fronteira Sul - Campus Erechim. - Vol. 1, n. 1 (mar./abr.
2014). - Erechim: [s.n.], 2014.

Semestral

1. Periódico. 2. Interdisciplinar. 3. Ciências Humanas.
4. Humanidades. I. Universidade Federal da Fronteira Sul.
II. Título.

CDD: 300



• TERRITÓRIOS E SOCIABILIDADES NA
PRAÇA XV DE NOVENBRO
(FLORIANÓPOLIS-SC – 1990-2008) •

Resumo: O artigo apresenta discussão acerca dos diversos territórios que a Praça XV de Novembro assume e a verificação de como seus “freqüentadores” se apropriam desse espaço, partindo de outras transformações ocorridas no chamado “centro antigo” da cidade e das sociabilidades produzidas e vividas no seu entorno. Desse modo, consideramos esse espaço como palco de importantes manifestações que culminaram no esvaziamento do centro antigo e na grande territorialização deste, alterando as sociabilidades e o imaginário social sobre o local, ora pelo poder público, ora pela própria população.

Palavras-chave: Cidade, Sociabilidades, Praça, Territórios.

• EMERSON CÉSAR DE CAMPOS •

1 INTRODUÇÃO

Estabelecer reflexões acerca das formas variadas sob as quais se constroem as cidades é sempre uma tentativa desafiadora. Pretendemos aqui estabelecer uma reflexão sobre as produções que transformaram o “Centro Antigo” ou “Centro Histórico”¹, o chamado Núcleo Fundante de Florianópolis, nas duas últimas décadas, a partir de sua conhecida Praça XV de Novembro. Ora criados, ora soterrados², por vezes celebrados, os territórios presentes na Praça produziram alterações de sentidos e modos de se viver a cidade, remetendo à necessidade de novas leituras sobre estas realizações. Tendo em vista a ideia de que um lugar é sempre e ainda um espaço praticado, como bem colocou Michel de Certeau (1994), parecia necessário então apurarmos o olhar sobre a constituição dos territórios que forneciam sentidos ao lugar denominado Praça XV de Novembro. Os deslocamentos de sentidos ocorridos nos territórios presentes na Praça são simultaneamente agudos e instáveis, como vem sendo a própria realidade da cidade, em que pese esforços para consagrar espaços sólidos marcados pela Tradição. Assim, os territórios nos permitem pensar as transformações da Praça em perspectiva contemporânea, considerando as tensões e os sentidos alcançados por ela. Afinal, território sendo etimologicamente instável, deriva tanto de terra (o espaço físico) quanto de *terrere*, amedrontar, sendo, assim, “*territorium* um lugar do qual as pessoas são expulsas pelo medo” (BHABHA, 1998, p.147). A crescente onda de medo ou receio por parte considerável da população urbana, especialmente as camadas médias, juntou-se também à tensão em torno da expulsão dos artesãos da Praça (ocorrida entre 1999 e 2000), lugar que ocupavam desde a década de 1960, e rivalizou simultaneamente com projetos públicos e privados que chamavam a população, e em especial os turistas, de volta à Praça, culminando com toda uma revitalização do espaço, que alterou sentidos (outros fez permanecer) e sociabilidades realizadas na Praça XV de Novembro, um espaço de muitos territórios.

Palco inicial da conhecida Novembrada³, do Movimento pelas Diretas, das inúmeras reivindicações trabalhistas e sociais, a partir da década de 1990, apresentou-se uma série de outras tantas manifestações que acompanhou o crescimento da cidade e transformou o espaço e seus tantos sentidos, a exemplo da intervenção significativa que foi o levantar de tapumes e cercas realizado a partir de 1999.

¹ Para uma reflexão sobre a “redescoberta” dos Centros Antigos e Históricos e até mesmo suas pretensas redenções urbanas, ver, entre outros, especialmente: HUYSSSEN (2000).

² Ver Nonnenmacher (2007).

³ A Novembrada é o nome pelo qual ficou conhecida a manifestação popular ocorrida na Praça XV de Novembro durante uma visita do Presidente João Baptista Figueiredo em 30 de Novembro de 1979, quando mais de quatro mil estudantes, trabalhadores, e outros tantos segmentos, realizaram protestos contra o regime militar à época, no que foram combatidos pela Polícia Militar e pelo próprio presidente. Foram presos sete estudantes e o material da imprensa recolhido e censurado.

No final da década de 1990 e início da atual, a Praça se coloca como lugar estratégico para “revitalização” do Centro Antigo, como se poder verificar na Ata da 57ª Sessão ordinária da Câmara Municipal, que trata da “reforma da Praça XV”, onde mais que noticiada⁴, tal reforma canalizou, naquela oportunidade (entre 1999–2001), uma avalanche de reivindicações, sentidos e medos. Os artesãos (SOUZA, 1999), estabelecidos na praça desde a década de 1960, foram dela retirados; os comerciantes tiveram postos abaixo seus estabelecimentos (quiosques) e as sociabilidades afloraram com vigor. Tais sociabilidades são (e eram) produzidas por grupos diversos que praticam os espaços da Praça de modo mais frequente e persistente: ambulantes, músicos, sem tetos, prostitutas e outros; bem como pelos ocupantes eventuais: turistas, transeuntes, jogadores de tabuleiros. São ainda exemplos de intervenções e interações com as sociabilidades da Praça XV: projetos de revitalização, como iluminação e renovação arquitetônica (para algumas pessoas, uma autêntica “limpeza” da Praça); projetos que chamam a população, exibem a cidade em Casas como do Papai Noel e/ou do Carnaval; e, no limite, o crescimento da violência e o monitoramento da praça por câmeras de vídeo.

Na mesma seara de investigação e finalizando essas formulações iniciais, deve-se considerar as transformações comuns aos espaços públicos das cidades no contemporâneo, que indicam alterações ocorridas em Praças e em seus frequentadores (BIDOU-ZACHARIASEN, 2006; SARLO, 1997). Os trabalhos mais recentes parecem apontar para um declínio na frequência das Praças, especialmente pelas camadas médias urbanas (alguns autores indicam, ironicamente, a praça de *Shopping Center* como alternativa). Contudo, pelo levantamento realizado, pode-se indicar que a frequência na Praça XV não diminuiu, aumentando, certamente, suas formas de expressão, seus territórios. É possível ver, simultaneamente à produção de tantos novos territórios, supostamente colaborando para um certo incipiente “cosmopolitismo”, o saudosismo de uma cidade que não há muito tempo, era mais tranquila, com sotaque marcado e práticas culturais mais próprias, como bem já colocou outro pesquisador (FALCÃO; DIAS, 2006). Para isto, realizamos, ainda que rápida, uma breve análise sobre a obra do jornalista Aldirio Simões (1998) (falecido em 2004), um dos criadores do Troféu Manezinho⁵, que deixa transparecer, em coluna que manteve por cinco anos no jornal “AN Capital”, o fenecer de uma cidade já não mais onde figuras como a Pandorga (mulher que andava com roupa desfiada),

⁴ JORNAL NA CAPITAL. Florianópolis, 04 de set. de 2002.

⁵ O Troféu Manezinho foi instituído por Aldirio Simões em 1987 e tenta desde então, premiar com o título de Manezinho aqueles que se podem dizer “autênticos” representantes da cultura florianopolitana, supostamente fragilizada pela chegada de pessoas de outras cidades, estados e países à capital de Santa Catarina.

ou o poeta Zininho⁶, andavam tranquilamente pela cidade e sua Praça. Esta leitura de cidade, que tende a “folclorizar” o outro, rivaliza com as manifestações cotidianas colocadas na Praça e constituem seus territórios. Desta forma, passamos então para a leitura da realidade sociocultural vivida em Florianópolis entre 1990 e 2006 a partir da Praça XV de Novembro.

2 UMA PRAÇA ENCONTRADA: CARTOGRAFIA DAS SOCIABILIDADES

Você mora em uma cidade, você gosta e não gosta dela, você imagina outras soluções que não as que têm sido adotadas, e está assistindo agora, em “uma sala pública, à apresentação de sua cidade realizada por profissionais da imagem que nunca confessarão que detestam a sua cidade” (JEUDY, 2005, p.25). Mas pode-se verdadeiramente detestar uma cidade? E quais seriam as razões? A ausência ou fenecer de seu centro? Seu aspecto (des)ordenado? A característica de suas construções? Sua violência cotidiana? Todas as razões para detestá-la ou amá-la terminam lhe conferindo inúmeros atrativos. No cotidiano acelerado em que estamos vivendo (e presenciando), os estudos sobre cidades certamente se mostram como uma consistente possibilidade de compreender, ao menos qualificar melhor, a complexa instabilidade que constrói a vida contemporânea.

Há uma certa tendência em se passar pela Praça XV de Novembro e não reconhecê-la. É mesmo uma ação ordinária. Assim, realizamos uma cartografia dos lugares da Praça, uma etnografia de seus. Cartografar, para além da obtenção de um mapa (que apenas delinea os contornos dos territórios), é uma ação que possibilita “fuçar, espiar, sondar, prescrutar os mundos que se vão inventando [...] a cartografia se faz ao mesmo tempo que o território” (ROLNIK; GUATARRI, 2005, p.12). Uma cartografia está sempre atenta aos movimentos. Os fluxos que a partir da década de 1990 se avolumam em territórios construídos por taxistas de moto, trabalhadores de *telemarketing*, estudantes, mendigos, prostitutas, viciados, músicos, turistas com suas máquinas fotográficas e voltas na figueira, alguns chamados de loucos (e folclorizados), jogadores de damas, *yuppies*, *hippies* e outros tantos. A cartografia pretendeu alcançar subsídios para compreender os projetos da ação pública (realizados ou não), que nas duas últimas décadas se destinaram a estabelecer estratégias de ocupação da Praça (quase sempre bastante racionalizadas). Essas estratégias foram relacionadas às táticas que mulheres e homens ordinários, como nos inspira a reflexão de Michel de Certeau mantém com a Praça e seus territórios. Enfim, tentamos inventariar algumas sociabilidades e sentidos que fornecem à Praça suas outras possíveis denominações: Da Figueira, Da Preguiça, Das Prostitutas, Dos Protestos.

⁶ Cláudio Alvim Barbosa, conhecido por Zininho, radialista e compositor, escreveu Rancho de Amor à Ilha em 1965, sendo a canção declarada Hino da Cidade de Florianópolis em 1968, através de lei municipal. Zininho morreu em 1998.

A Praça XV espacialmente é um retângulo, forma comum entre as inúmeras praças que temos em outras tantas cidades. Andando por ela, vamos percebendo suas diferenças (e semelhanças) em relação a outros lugares. Árvores centenárias, monumentos e bustos de bronze, placas, bancos, uma polifonia sonora produzida por pássaros, por motores e buzinas de carros e por acordes de músicos de países latino americanos.

Na parte mais baixa da Praça, há mais espaço aberto, com árvores menores e menos volumosas⁷, vários bancos e duas mesas de dominó. Quase no Centro da Praça está sua mais conhecida atração natural: a Centenária Figueira, arcada pelo tempo, e sustentada por ferros e outros suportes ao longo de sua extensão. Com a chegada de turistas, intensificada a partir do final da década de 1980, a tradição inventada de se dar três voltas ao seu redor para alcançar casamento ou voltar à cidade se populariza, de modo que atualmente é muito comum e rotineira cenas de périplos turísticos ao seu redor. Na rótula, ocupando o lugar central, está o monumento em homenagem aos mortos do Paraguai. Para se chegar até ele existem quatro caminhos que dividem o círculo em quatro partes em forma de triângulo. Em cada uma delas há um busto de um intelectual catarinense: Cruz e Sousa, Vitor Meireles, José Boiteux e Jerônimo Coelho. Estão cercados de um jardim bem cuidado, com flores rosas e vermelhas. Subindo em direção a parte mais de cima e mais fechada da praça está o coreto: palco de mendigos, que fazem do local seus armários, suas casas, forjam seus lugares, suas vidas. Os vários bancos distribuídos por toda a extensão da praça chamam as pessoas que passam a se sentarem, assim como as várias placas distribuídas pelos jardins, intitulados “A praça é sua” e fazendo referências a ideias de preservação e aproveitamento, como “Ajude a preservar a Praça XV” ou “descanse na sombra da Figueira”. Nos jardins, as plantas estão identificadas por seus nomes científicos: não é só uma praça, mas também um laboratório biológico de espécies botânicas. No chão, os desenhos folclóricos realizados pelo artista da cidade, Hassis⁸, em forma de mosaicos são praticamente imperceptíveis às pessoas em movimentos.

Entre os ocupantes da Praça estão os homens mais velhos, em sua maior parte aposentados, jogando dominó ou canastra nas muitas mesas de concreto espalhadas pelo local. Tem-se a impressão de que tais homens ordinários, como diz Certeau, estão incorporados à paisagem, a Praça para eles é como uma extensão de suas casas, alguns exigem, portanto, que ela seja mantida limpa e livre de “malfazejos”, os amigos do alheio. O tampo das mesas, onde pastilhas brancas e pretas outrora formavam um tabuleiro de xadrez, é encoberto por panos de cozinha. Para completar, presas

⁷ Sobre a constituição das espécies arbóreas na Praça XV de Novembro ver: ADAM (2001).

⁸ Ver: *IPUF – Instituto de Planejamentos Urbano de Florianópolis*. Hassis na Praça XV de Novembro: levantamento e recuperação dos desenhos. Florianópolis: Insular, 2002.

nos cantos das mesas, tiras de borracha, elástico ou fita crepe criam uma espécie de moldura, um quadrado menor, para impedir o voo das cartas. Ninguém ousa atrapalhar uma partida.

Ao lado, os mendigos que fazem da Praça sua única casa. Olha-se pra cima, uma placa: “Rua não é lugar para se viver. Ligue abordagem de rua”. São os indesejados da casa. Há também os engraxates, que usam a praça como local de trabalho; os operadores de *telemarketing* que se apropriam do local no horário de intervalo do trabalho. Temos os transeuntes: os turistas e suas máquinas fotográficas, os casais que sentam nos bancos para namorar, a faxineira, o velhinho que vem brincar com sua netinha, as excursões de escola e os trabalhadores e estudantes do centro que passam por ali. Essas pessoas se apropriam do espaço de forma que cada um dos frequentadores da Praça indica saber qual seu território nela, forjam e identificam o seu “pedaço”⁹. E o que, a princípio, é um retângulo no centro da cidade – conhecido por suas várias denominações, como Praça XV de Novembro ou Praça da Figueira – deixa de ser um simples espaço e se transforma em vários territórios que se sobrepõem, dependendo da apropriação que cada pessoa ou grupo faz dele, subjetivando lugares.

Em nosso estudo, foi possível perceber, concordando em parte com outros pesquisadores¹⁰, que a parte de cima da Praça de fato é mais fechada, com a vegetação mais alta, e por isso mais escura, mas seria precipitado chamá-la de promíscua, epíteto colocado desde o senso comum àquela parte da Praça. No centro ou meio da praça, que é o espaço em volta da Figueira, há um grande tráfego de transeuntes e turistas. E, por fim, há a parte de baixo da praça, que é mais clara e arejada, próxima ao antigo Miramar¹¹. Não podemos afirmar categoricamente que tais territórios sejam enraizados na lápide fixa da tradição, o que implica dizer que tais divisões não condicionam exclusivamente à produção das sociabilidades.

A espacialização da Praça em seus lugares praticados sofreu transformações variadas ao longo do tempo, expressão última de nosso contemporâneo. Falando sobre parte de sua vida experimentada nos arredores da Praça onde morou até 1973, Maria Teresa Santos Cunha lembra de uma Praça que se estendia até próximo da Catedral. “Na frente da Igreja passava carro. Aquela ruazinha que tem ali não era assim tão pequena, era maior”¹².

Além disso, até meados da década de 1960, a praça era de areia, sem calçamento, onde ela, junto a outras colegas, brincava de amarelinha. Já seu José Venâncio de Souza¹³, 68 anos, aposentado, há doze anos residindo no centro e frequentador assíduo da Praça, disse que quando era mais jovem, passava pela praça e achava um absurdo as pessoas ficarem ali paradas. Hoje faz igual. Falou várias vezes sobre a necessidade de se tirar os mendigos dali. Para ele, essas pessoas não passam de vagabundos que vivem no ócio. E isso produz uma imagem negativa da cidade, especialmente para os turistas.

Durante a pesquisa realizada, em uma das várias incursões à Praça, os pesquisadores não encontraram alguns dos habitantes mais assíduos do local: os mendigos. Junto a isso, acentuou-se o movimento de policiais na parte de cima da praça. Seis deles recolhiam os pertences dos mendigos e explicavam: “vai tudo pra COMCAP¹⁴. Lá eles decidem o que é lixo ou não”. Perguntados sobre o paradeiro dos moradores da Praça, dois deles relataram que havia um programa de Abordagem de Rua¹⁵, e que eles, junto as assistentes sociais, levavam os mendigos para abrigos¹⁶ (CARRIJO, 2007). Junto ao chamado esvaziamento do centro, há políticas que funcionam em favor de uma esfera pública burguesa e, portanto, visam retirar tudo que não seja parte desejada na ocupação espacial. Para o antropólogo Antônio Arantes, as praças são lugares cuja construção acontece de forma constante por parte do poder público e, por isso, acabam sendo palco de tensões e conflitos sociais, na medida em que há uma população que insiste em habitar esses lugares. Assim, segundo ele, “o controle social, assume a forma ritualizada de policiamento ostensivo: retórica que em princípio criminaliza o habitante das ruas, classificando-o socialmente como ‘coisa fora de lugar’, portanto simbolicamente suja e perigosa” (ARANTES, 1994, p.192).

As políticas públicas (e também privadas) parecem funcionar neste sentido em Florianópolis. Como bem indicou Neil Smith, é muito comum nos planejamentos e ações do Poder Público a Iniciativa Privada ser cada dia mais integrada ao processo¹⁷. Em Florianópolis, investimentos indicam atender uma demanda de parte significativa da população, em especial camadas médias

⁹ Segundo Magnani, “[...] quando um espaço – ou um segmento dele – assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações, recebe o nome de pedaço”[...] que “é ao mesmo tempo parte de práticas coletivas (entre as quais o lazer) e condição para o seu exercício e fruição”. Para este texto, admitimos a ideia sugerida pelo autor. Ver: MAGNANI (2000, p.32).

¹⁰ Especialmente CORADINI (1995).

¹¹ O Miramar – bar, restaurante e mirante, era um local de sociabilidades localizado em frente a atual praça Fernando Machado que no projeto de remodelação urbana, em 1974, foi derrubado. Para mais detalhes, ver: Nonnenmacher (2007).

¹² CUNHA, Maria Teresa Santos. *Entrevista concedida a Aline Fernandes Carrijo e Verônica Pereira Orlandi*. Florianópolis: 11 out 2007.

¹³ SOUZA, José Venancio de. (nome fictício por solicitação do entrevistado). *Depoimento concedido à Aline Fernandes Carrijo e Patrícia Tatiane Haasch*. Florianópolis: 08 jun 2008.

¹⁴ Companhia de Melhoramentos da Capital, responsável pelo recolhimento de lixo na cidade.

¹⁵ Programa realizado pela Secretaria Municipal da Criança, Adolescente, Idoso, Família e Desenvolvimento Social, cuja proposta é oferecer um atendimento sócio-educativo aos moradores de rua.

¹⁶ Para esta discussão ver também: CARRIJO (2007).

¹⁷ Para esta discussão ver : SMITH, Neil. *Gentrificação Generalizada*. In: BIDOU-ZACHARIASEN (2006). Segundo Smith, em sua reflexão sobre New York, são diferentes os momentos desta aproximação de interesses (entre público e privado), mas se pode verificar semelhanças com outras tantas cidades colocadas em diferentes regiões do mundo contemporâneo. Ver ainda discussão no final deste capítulo.

urbanas que apresentam, então, o desejo de “voltar” ou “re-habitar” à Praça, ao Centro Antigo.

Em contrapartida, para aqueles que frequentam a Praça, as diferenças de temporalidades costumam ser mais visíveis, especialmente para aqueles que nela vivem ou trabalham. Na tentativa de compreender como as pessoas que residem no Centro enxergam e utilizam o espaço da Praça, distribuímos questionários¹⁸ em dois edifícios localizados em ruas centrais: Pedro Ivo e Tiradentes¹⁹. As respostas obtidas, em sua maior parte, indicaram relações e percepções que havíamos evidenciado: o medo de transitar pela Praça, especialmente no período noturno, referências à má iluminação e ao perigo que ela representa; o abandono da Praça, e também menção a presença indesejada de alguns moradores, como andarilhos, mendigos e drogados. Algumas respostas apontaram a necessidade de mais câmeras de segurança e policiamento em toda a Praça e arredores²⁰.

Os moradores do Edifício da Rua Tiradentes fizeram menção aos diferentes tempos da Praça. A maioria disse utilizar a Praça durante o dia. Uma mulher de 46 anos disse que utiliza a Praça “caminhar ao redor e sentar”. Em seguida, comenta as diferenças com a noite: “de dia o uso pela população, o tráfego intenso. À noite, o silêncio cortado por gritos de briga”. Já um homem de 51 anos diz utilizar o local “sentando nos bancos quando estão limpos e lendo jornais e batendo um papo com a minha esposa”. É importante salientar a ressalva feita pelo morador sobre os bancos “quando estão limpos”. Para ele, não há muita diferenciação nos períodos (turnos) da Praça, pois “tanto de dia como de noite [tem] muitos desocupados, jogatina em dinheiro, andarilhos e usuários de drogas. E, com isso, dá medo. É uma pena”. Uma estudante de 17 anos de idade – vinda de Pinhalzinho, região oeste de Santa Catarina – diz perceber diferenças entre os períodos da tarde, mas diz não utilizar nem mesmo de dia: “não utilizo, só passo ao redor dela, não me sinto segura”. Nos questionários respondidos por pessoas que residem no Edifício da Rua Pedro Ivo, também houve essa diferenciação.

Para um jovem empresário de 25 anos, “À noite a frequência é impossível e diurno no máximo 20% do que poderia ser. Falta

policiamento”. Outra senhora, de 60 anos, Terapeuta Holística, diz que vê pouca diferença entre os turnos da praça, mas, logo em seguida, fala: “À noite, é perigo constante. Muito consumo de drogas, prostituição”. Por outro lado, um entrevistado, ex-vereador da cidade, Lázaro Bregue Daniel, 59 anos, diz que não vê diferença entre os turnos: “[...] é a mesma coisa. Mesmo antes dos artesãos”. Para o ex-vereador da capital, a Praça sempre lhe pareceu um tanto abandonada e as formas de ocupação do espaço também. Lázaro Daniel sempre residiu no Campeche, bairro do Sul da Ilha, mas desde muito jovem frequentava o Centro da cidade, quer seja para trabalhar, estudar ou apenas para se divertir. Observa realmente poucas alterações nas sociabilidades da Praça:

É o que eu consigo ver. Eu passo ali sempre e vejo ainda as pessoas usarem a Praça como lazer, eu ainda consigo identificar isso, os velhinhos, os namorados, ela continua com a mesma ocupação. Talvez a única coisa que tenha melhorado é a iluminação, isso tornou inviável usar a Praça para drogas²¹.

Para Maria Teresa Santos Cunha, 57 anos, docente da Universidade do Estado de Santa Catarina,

[...] hoje a Praça está um espaço mais múltiplo, mais cosmopolita, também digo isso, pois é onde está o caminhante solitário, a mulher, a criança, o pregador... o pregador evangélico, os aposentados, aqueles que estão à espera de um encontro amoroso, aquele que está... sei lá, esperando para usufruir de uma droga seja qual for. Então, hoje a Praça é mais movimentada. (CUNHA, 2007)

O taxista Arlindo José Soares, 43 anos, que há 11 trabalha na Praça XV, diz que: “o movimento... o movimento dobrou mil...”²², impressão semelhante a de Valdir Alves da Silva, também taxista, que tem 30 anos de trabalho na Praça, e afirma: “agora movimento direto”²³. Já para Luiza Nunes, proprietária da floricultura localizada no espaço da Praça XV, a praça “parece que tá meio paradona, né? Só tem aqueles velhinhos jogando ali. [...] E era muito movimentado. [...] Ela é escondida hoje. Antes era muito procurada”²⁴. E dessa mesma representação de uma Praça pouco movimentada compartilha Gustavo Pereira Martins, cerca de 50 anos, artesão que expunha seus trabalhos no local: “[...] eu senti que pouca gente circula pela Praça, muito pouca gente... já teve há anos atrás eu lembro! Nossa! Eu vendia muito bem na Praça XV, não tinha ponto melhor... eu vejo durante a semana que não circula tanta gente. Deu uma caída do povo em geral da

18 Tais questionários foram elaborados a partir de uma averiguação prévia entre os moradores do Centro Antigo. Foram respondidas as seguintes perguntas básicas: Você gosta de morar no centro? Por quê?; Você frequenta a Praça XV?; Como você utiliza o espaço da Praça XV?; Você observa diferenças na Praça XV ao longo dos últimos anos?; O que você achou das transformações ocorridas na Praça XV no ano de 2000 (quando foram levantados tapumes ao seu redor e ela ficou fechada para a população)?; Você vê diferença nos usos dos espaços da Praça durante o dia e à noite? Agradecemos a todos que dispuseram de tempo para responder as perguntas colocadas.

19 A Rua Pedro Ivo, apesar de um tanto distante da Praça XV (4 quarteirões acima), é bastante antiga na cidade e inscrita naquilo que chamamos de “Centro Antigo” ou “Centro Histórico” e, nesse estudo, entendida como uma das extensões da Praça XV.

20 Câmeras de vídeo monitoram toda a Região Central, incluindo a Praça XV de Novembro, desde Julho de 2001.

21 DANIEL Lázaro Bregue. *Depoimento concedido ao Emerson César de Campos, Aline Fernandes Carrijo e Patrícia Tatiana Raasch*. Florianópolis: 08 abr 2009.

22 SOARES, Arlindo José. *Depoimento concedido à Aline Fernandes Carrijo e Patrícia Tatiane Haasch*. Florianópolis: 17 ago 2008.

23 SILVA, Valdir Alves da. *Depoimento concedido à Aline Fernandes Carrijo e Patrícia Tatiane Haasch*. Florianópolis: 23 set 2008.

24 NUNES, Luiza. 2009. *Depoimento concedido à Aline Fernandes Carrijo e Patrícia Tatiane Haasch*. Florianópolis: 25/04/2008.

Praça XV”.²⁵

Relacionando os depoimentos apresentados com as impressões postas nos questionários respondidos ficam explícitas as diferentes formas de apropriação da Praça. A violência aparece citada em todos os casos, embora com importância e significados distintos. Para Lázaro Daniel, que frequenta eventualmente a Praça, a violência é algo menos preocupante.²⁶ Já para aqueles que vivem próximo dela, como é o caso daqueles que responderam os questionários, e que fazem da Praça quase que uma extensão de suas casas, a violência é algo bastante preocupante.

A Praça XV é marcada por uma ocupação de diferentes grupos e pessoas, que fornecem identidade a ela e criam diferentes formas de apropriação desse espaço. O lugar do consumo de drogas, do sexo, do descanso, do bater papo e jogar conversa fora, dos vícios e furtos, da diversão, da contemplação à natureza, do comércio ambulante, das obras de arte, dos monumentos, da figueira.

Tentamos marcar, sob formas variadas, as alterações produzidas nas sociabilidades desde a década de 1990, ou seja, apropriações distintas da Praça, usos, discursos e olhares sobre aquele lugar praticado. Interação entre si diferentes grupos sociais, atividades e interesses. Assim, se pode indicar que há diferentes formas de apropriação dos espaços da Praça XV, o que nos impele à obtenção de distintas representações desse lugar. Enquanto para os taxistas, a Praça é hoje um local muito movimentado, ao contrário, para o artesão e para a comerciante, o movimento diminuiu nas últimas décadas.

Outras impressões e significados também apontam para a violência na Praça. Ainda segundo Gustavo Pereira Martins, “antes [de 1990] não tinha tanta marginalidade quanto está tendo agora [...] veio muita gente de fora. Muita gente do interior de Santa Catarina [veio] morar na capital, aí chegam sem estrutura nenhuma. Vão se perdendo, ficam nas praças jogados [...]”.²⁷ Depoimentos mais vinculados são realizados pelos taxistas Arlindo José Soares e Valdir Alves da Silva, ambos fazendo “praça” em ponto junto a Praça XV de Novembro. Segundo Arlindo José Soares:

[...] a noite é uma covardia. A noite é muito ruim. Pra quem não conhece a Praça XV à noite, é horrível. É muito esse pessoal aí sem-teto. Esse pessoal que dorme aí, com os cobertores. Às vezes assaltam as pessoas... é muito assalto aqui à noite. Muito, muito, muito. Muito assalto à noite. A partir das 22:30 h.[...] A noite a gente vê coisa que nem a gente próprio acredita. [...] Violência, prostituição [...]. Esse pessoal que tá tudo andando na rua aí à noite, que não tem teto [...] é tudo pessoal que não mora aqui,

que vem tudo de fora que vem pra cá. Eles tão pronto pra roubar, assaltar as pessoas. Pessoas que vem do trabalho, tem gente que trabalha até as 22h30. Pessoal que vai pra aula, até pra roubar um celular, um óculos seu. Eles tiram o óculos da sua cabeça, se bobear. É um absurdo isso aqui à noite. A noite é muito perigoso. Todo dia das 22 h em diante, não é fácil²⁸.

O senhor Valdir Alves da Silva, que trabalha como taxista na Praça XV há trinta anos, sendo um dos mais antigos nesta função no local, diz:

[...] à noite ela tá meio perigosa [...]. A noite não dá pra você, por exemplo, sentar pra conversar [...]. Pra você ter uma idéia, 23h eu vou embora porque esse horário eu não tenho coragem mais de trabalhar. Rapaz novo aí com drogas. Eles assaltam a gente aí pra levar o mínimo, coisa de vinte reais. Pra comprar droga, entendeu? [...] Qualquer dia você passa aí com um uma bolsa, pode ter certeza que eles vão dar um jeito de cortar sua bolsa. Isso quando não te encostam uma faca, um revólver. [...] Eu, por exemplo, como homem, não tenho coragem de atravessar lá a noite²⁹.

É possível percebermos a preocupação em colocar a violência como algo estranho à cidade, como ação produzida por “gente de fora”, pessoas que não são da cidade, forasteiros. Aparece muito claramente a noção de enraizamento cultural, onde o Outro será sempre o difícil, pouco dado aos regramentos sociais. Claro está que as apropriações da Praça estão relacionadas às funções como as quais as pessoas executam. Para os taxistas citados, a Praça é local de trabalho; passam muito tempo nela, fixam olhares, percepções. Diferente dessa posição, mas igualmente presa à noção de cultura “nativa” ou local, que acredita ameaçada pela chegada de pessoas de outras cidades e países (especialmente a partir da década de 1990), Nereu do Vale Pereira, 80 anos, historiador, afirma

Eu ainda acho que a Praça XV de Novembro ainda é um local muito tranqüilo, atualmente. Muito tranqüilo. Pelo menos passo por ali, vejo muita gente passar e nunca vi ninguém reclamar que assaltaram, que prenderam por pegar dinheiro na Praça XV. Vai ver vão fazer em outro lugar, mas não na Praça XV.³⁰

Mesmo concebendo a Praça como um lugar de passagem, coisa que deixa claro na continuidade de seu depoimento, o historiador a enxerga como lugar capaz de fixar uma certa ideia de cidade, mais provinciana e voltada às práticas culturais próprias da capital. Essa recusa em perceber as transformações ocorridas na cidade são

²⁵ MARTINS, Gustavo Pereira. *Depoimento concedido à Aline Fernandes Carrijo*. Florianópolis: 25/04/2008.

²⁶ DANIEL (2009).

²⁷ MARTINS (2008).

²⁸ SOARES; Arlindo José. *Depoimento concedido à Aline Fernandes Carrijo e Patrícia Tátiane Raasch*. Florianópolis: 17 ago 2008.

²⁹ SILVA, Valdir Alves da; *Depoimento concedido à Aline Fernandes Carrijo e Patrícia Tátiane Raasch*. Florianópolis: 23 set 2008.

³⁰ PEREIRA, Nereu do Vale. *Depoimento concedido à Aline Fernandes Carrijo e Patrícia Tátiane Raasch*. Florianópolis: 26 jun. 2008. As notícias sobre a Praça veiculadas na imprensa contradizem as impressões postas pelo depoente, a exemplo do assassinato ocorrido na Praça XV de Novembro, conforme noticiado, entre outros, por: <<http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense>>. Acesso em: 9 jul. 2009.

compartilhadas por outras pessoas, a exemplo de alguns cronistas da cidade.

Aldírio Simões nasceu em Florianópolis e viveu sua infância e adolescência no Centro da cidade, próximo ao antigo Campo do Manejo³¹. Foi jornalista, cronista e contador de histórias dos costumes ilhéus. Trabalhou em vários jornais e emissoras de rádio e televisão da cidade. Foi promotor de eventos que davam ênfase à cultura ilhoa, tais como a criação do “Troféu Manezinho”. Também foi Superintendente da Fundação Franklin Cascaes (órgão oficial de cultura do município) e Diretor de Artes da Fundação Catarinense de Cultura. Aldírio Simões escreveu crônicas para o jornal “AN Capital” durante cinco anos (1999-2004).

Em suas crônicas, somos remetidos ao saudosismo de uma cidade que há não muito tempo era tranquila, com sotaque marcado e práticas culturais mais próprias. A escrita do cronista tende a “folclorizar” o outro. Para ele, a cidade deveria crescer mantendo suas manifestações mais tradicionais. Em suas crônicas, somos levados ao reconhecimento de uma cidade – e Praça – tranquila, sem a especulação imobiliária ou a forte presença de pessoas dos mais diferentes lugares, e pouquíssimos turistas. O jornalista rememora uma cidade em que as pessoas circulavam e ainda se cumprimentavam, onde todos se conheciam. Na crônica “Athos e a Estrela”, Aldírio cita o nome de Lisa Minelli, famosa atriz norte-americana que estava de passagem em Florianópolis visitando um amigo, o músico Luiz Henrique Rosa³². Sua passagem, naquele momento, teria sido um fenômeno na cidade ainda pequena, dita tradicional e/ou provinciana.

Entre as crônicas escritas por Aldírio Simões, várias fazem menção à Praça XV de Novembro³³. Nelas o jornalista rememora uma Praça XV tranquila e sem violência. A Praça é retratada como ponto de encontro da sociedade, de tantos jovens que se reuniam à noite no local, após a saída dos bailes que ocorriam na cidade. Em “Velhinha safada”, Aldírio narra a história de Hermógenes, que “enquanto a idade permitia, costumava reunir-se embaixo da figueira dos jardins da Praça XV em madrugadas seresteiras, após noitadas de carteadado nas mesas forradas com veludo no velho Clube Doze de Agosto” (SIMÕES, 1998, p.201). Em outra crônica, a Praça XV é, de forma nostálgica, lembrada como local

³¹ Área localizada entre as Avenidas Mauro Ramos e Hercílio Luz, ocupada atualmente (2009) pelo Instituto Estadual de Educação, o maior Colégio Público de Santa Catarina.

³² Durante sua carreira musical, Luiz Henrique Rosa trabalhou um tempo nos Estados Unidos entre fins da década de 1960 e início dos anos 70. Neste período, o músico se tornou amigo de Liza Minelli, e, em 1979, a seu convite, aquela atriz e cantora veio a Florianópolis durante o carnaval.

³³ Infelizmente, não há espaço aqui para discorrermos mais sobre as crônicas escritas por Aldírio Simões que nos enviam sempre a uma ideia de cidade pacata e provinciana, com um enraizamento cultural marcante. Para conhecer um pouco mais sobre tais crônicas, ver entre outras: A Cantada do Manequinha; Os Trombeteiros do Além e Responso do Agostinho. Essas e outras podem ser encontradas em: Simões (1998).

de grandes encontros e festividades. É o que se verifica em “O boi e a caipora”: “Na Praça XV muita gente aguardava a dança do ‘boi do Pantusuli’, patrocinado pelo Dr. Deba. Seu Bebeco, dançando no boi, estava um bicho, distribuindo chifradas no povo e deixando o folclórico Corvina em polvorosa, em correria desenfreada pelo jardim da Praça XV” (SIMÕES, 1998, p.119).

No momento em que Aldírio Simões escreve, a Praça já não é mais tranquila (em realidade acreditamos que há muito já não era) sendo comum encontramos nos depoimentos coletados a impossibilidade de hoje ir à Praça para “gastar” tempo, fazer amizades, bater papo. Para Nereu do Vale Pereira, citado anteriormente:

A Praça XV de Novembro [...] não teve mais concerto de bandas, não teve mais festas, não teve mais piqueniques, não teve mais circuito de namorados, o *footing* [...] Então não teve mais nada disso... lugar de passagem. [...] A Praça hoje, volto a insistir, é mais um local de passagem”³⁴.

A Praça XV, no entanto, diferentemente do que nos afirmam esses depoentes, não é só um local de passagem, mas um lugar onde diferentes sociabilidades são vividas. É o local de trabalho de muitos engraxates, de comerciantes, de artesãos, de taxistas, onde os idosos se reúnem para jogar baralho, onde funcionários públicos aproveitam para descansar durante o horário do almoço. Em seu estudo realizado sobre a Praça XV de Novembro, Lisabete Coradini afirma que: “essas diferentes sociabilidades vividas no espaço da Praça XV são um conjunto de diferentes discursos, olhares e representações, que às vezes se contradizem, outras se sobrepõem ou se reafirmam de diferentes maneiras” (CORADINI, 1995, p.29).

3 REVITALIZAÇÃO QUE ATRAI E REPELE:

[...] Em Florianópolis não houve uma ampliação dos espaços públicos, existiam apenas espaços corporativos. Não se construíram áreas de lazer como parques, áreas verdes ou zoológicos. Neste sentido, acredito que a Praça XV assumiu esta função. Pois toda a vida social girava em torno dela. (CORADINI, 1995, p.74)

A epígrafe acima mostra muito da apropriação do espaço de forma corporativa na capital catarinense. A partir dos estudos sobre a Praça XV de Novembro, observamos as diferentes práticas que esse lugar abriga e representa para o chamado centro antigo de Florianópolis. Assim, como produto do mapeamento das sociabilidades e territorialidades construídas e constituídas, obtivemos algumas sobreposições de territórios com a intenção de obtermos maior compreensão do conjunto de sociabilidades da intrincada urbanidade vivida nas últimas décadas no centro da capital do estado de Santa Catarina, palco de diversas manifestações

³⁴ Pereira (2002).

e intervenções públicas no período³⁵.

A partir da década de 1990, uma série de movimentos sociais, tentativas de “revitalização” urbanística e projetos que chamam a população a participar da Praça contribuem para modificar as diferentes formas de sociabilidades que eram praticadas nesse espaço. O edifício da antiga Câmara de Vereadores (antigo casarão da cidade) foi transformado em palco de diferentes festividades, como o Carnaval e os festejos da Páscoa e do Natal, quando muitas vezes, é chamada de Casa do Carnaval, do Coelho da Páscoa e a Casa do Papai Noel, criada em 2005, ocupando as dependências da Câmara de Vereadores e estendendo inclusive um tapete de grama artificial sobre a Praça XV. Junto ao poder público, outras associações, como o Clube de Dirigentes Lojistas (CDL) da capital, estabelecem novas estratégias de ocupação da Praça, trazendo para ela parte da população – camadas médias em especial – que havia se afastado. Rivaliza com isso as iniciativas mais antigas – desde a década de 1960– movimentos sociais e/ou reivindicações de classe, solidariedade às chamadas minorias, que ocorrem no espaço da praça a exemplo da Parada do Orgulho *LGBT*s (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e simpatizantes), que vêm se desenvolvendo na última década na cidade, quase sempre relacionada ao aumento do turismo; ou ainda dos movimentos grevistas de diferentes classes de trabalhadores.

No final da década de 1990, ocorreu um processo de “revitalização” da Praça XV, em que tapumes e cercas foram levantados ao seu redor, indicando um controle desse espaço. Os artesãos que tinham se estabelecido na Praça desde a década de 1960, foram dela retirados e os comerciantes tiveram seus estabelecimentos postos abaixo. Essas medidas provocaram modificações drásticas nas diferentes sociabilidades que até então eram vividas na Praça.

Após a reforma, ocorreram diferentes formas de ocupação daqueles territórios, e algumas diferenças entre a Praça antes da reforma e após a sua efetivação, e que encontramos mais na fala das pessoas, e menos na imprensa ou outros documentos, pois “os relatos cotidianos contam aquilo que [...] se pode aí fabricar e fazer. São feitura de espaço” (CERTEAU, 1994, p. 207). Houve de fato uma série de intervenções na Praça junto ao Centro Antigo da Capital, onde quase sempre ficou patente a pretensão de organizar o espaço e principalmente de “limpar” as ruas, alterando o cenário e as práticas sociais em relação ao comércio desordenado de barraquinhas que circundavam não só a Praça XV de Novembro, mas também os arredores do Mercado Público e da Praça da Alfândega, que se dava desde a década de 1970.

Esse movimento culmina, no entanto, na construção provisória do Campilódromo Municipal, em 1991, e a partir daí uma série de confrontos e discussões se dão na tentativa do poder público,

através da Secretaria de Urbanismo e Serviços Públicos (SUSP), de remover os camelôs da região central para a Baía Sul, gerando grande descontentamento e nenhum acordo entre as partes envolvidas. Virtualmente, inexistem documentos oficiais sobre as intervenções (mesmo depois de muitas idas e vindas nos setores responsáveis), encontramos em alguns jornais da época (1999–2001) o confronto, tal como trechos de entrevistas de alguns envolvidos no processo de construção do Camelódromo e de resistência à remoção deste.

Entre 1999 e 2001 foi possível identificar um forte clima de insatisfação e confronto na cidade entre uma parcela da população, especialmente artesãos e outros trabalhadores da Praça, e o poder público. Essa situação se agravou ainda mais quando a prefeitura, juntamente com o Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis, de forma radical e instantânea, levanta tapumes cercando a Praça e obstrui o acesso da população a ela. Esse momento é marcado pela expulsão dos artesãos da Praça na tentativa de reapropriação desse espaço pelo poder público e sua política de revitalização pautada no Projeto–Lei n. 2.668, de 30 de novembro de 1987. A lei autorizou o Poder Executivo a “conceder por adoção, a administração de locais indicados”, dentre eles, como determinado no artigo 1º, as praças, jardins e parques, à empresas estabelecidas para “fins de manutenção, conservação e melhoria dos equipamentos de lazer e cultura”. Há algumas notícias dos jornais *O Estado* e *AN capital* para destacar esse momento que pode ser considerado chave dentro do processo de intervenção e transformação do cenário urbano de Florianópolis e daquela que se constitui um dos símbolos da cidade, a Praça XV de Novembro.

Os artesãos foram removidos da Praça e se ofereceu a eles outros locais com movimento fraco. Ainda em 2008, como dissemos, a Prefeitura concede licença para que a feira volte à Praça, mas desta feita, totalmente descaracterizada daquela existente até a 2001. Os depoimentos dos artesãos expulsos nos mostraram o sentimento de injustiça que sentem em relação à “revitalização ocorrida”. A Feira, antes diária, agora ocorre nas manhãs de sábado sem a presença de seus antigos realizadores.

O vereador à época da expulsão dos artesãos, Lázaro Bregue Daniel, lutou pela permanência dos artesãos na Praça XV. Em seu depoimento, pode-se perceber o embate político e os argumentos que a então prefeita da época, Ângela Amin, utilizou como justificativa para retirada dos trabalhadores. Segundo Lázaro Daniel, “para a prefeita Ângela Amin, os artesãos deturpavam o sentido da Praça, por constituírem um grupo de ‘marginais’ que ‘sujavam’ a Praça, davam um aspecto negativo a ela. Por isso era preciso embelezá-la e para isso, expulsá-los de lá”³⁶.

Nos mais recentes estudos sobre cidades (na Europa, Estados Unidos e América Latina), pode-se identificar uma tendência em

³⁵ Por restrições editoriais não foi possível colocar as imagens produzidas a partir da sobreposição citada.

³⁶ Daniel (2009).

debater as preocupações que os efeitos das intervenções, desde simples revitalizações, como iluminar a praça e trocar seus bancos ou pisos e jardins, como realizadas na Praça XV, entre 1999 e 2002, até propostas mais complexas, como requalificar espaços, na tentativa de estimular novas práticas aos lugares. Alguns autores³⁷ consideram ser inevitável que médias e grandes cidades, cujos centros antigos permaneceram ‘esquecidos’ pelas classes médias altas durante algumas décadas, tenham permitido e até estimulado o desenvolvimento de atividades populares, e mesmo a moradia de famílias de menor renda. Esse fenômeno tenderia a ocorrer por influência de dois processos, que podem ser combinados ou não. Pelo lado da demanda, as estratégias das classes médias de (re) conquista de territórios e de volta à cidade, especialmente seu centro ou sua Praça principal, depois de décadas de encantamento pelos conjuntos e loteamentos fechados, são estimuladas pelo setor imobiliário (em Florianópolis é muito visível o crescimento de condomínios fechados, e mesmo de bairros antigos transformados em confortáveis áreas residenciais, a exemplo de Jurerê Internacional). Na ocupação do Centro e da Praça, além de uma camada média tradicional residente no Centro (e cada dia menor), avolumam-se outras pessoas: *yuppies*; famílias jovens com maior escolaridade, estudantes secundaristas e universitários, rivalizando espaço com os resistentes “moradores” antigos da Praça: sem tetos, prostitutas, e outros já citados, além de uma parte considerável da população chamada à Praça em ocasiões bem marcadas como: Natal, Carnaval ou mesmo em festas religiosas, como a do Senhor dos Passos.

A revitalização promovida por amplos setores, como vimos, é positivada em vários momentos pelos seus usuários, o que nos coloca um problema de difícil solução: como ser contrário a projetos que melhoram a utilização dos espaços e a qualidade de vida das pessoas? Em contrapartida, tais projetos carregam quase sempre noções ideais de uma cultura política conservadora e dificilmente preocupada com a população menos privilegiada.

Para Laércio Silva, 57 anos, comerciante que possui uma banca de comida nos arredores da Praça, a representação de uma Praça mais bonita, passou a ser mais bem vista, mais visitada e mais limpa. Ele afirma ainda que a frequência da Praça foi requalificada, dizendo: “como melhorou! [...] depois que ela (Ângela Amin, prefeita da cidade de Florianópolis entre 1997 e 2004) acabou a reforma, ela tirou tudo, os mendigos, tudo aqui... botou guarda pra tomar conta a noite... [...] aí ela chegou, tirou eles fora, fez uma paisagem muito bonita”.³⁸ Já Gustavo Pereira Martins, artesão antigo que trabalhava na Praça, e que viu seu espaço ser destruído e ocupado

posteriormente (a partir de 2008) por outras feiras de artesanato, fala:

[...] fico indignado por isso, como eu sou um artesão muito antigo, me doeu um pouco saber que eu não fui convidado, que eu não fiquei sabendo...eu sei que eu não sou nada, além disso eu sei que sou um artesão, faço parte da cultura da ilha. Minha indignação é isso, terem expulsado e depois terem aberto de novo sem ser comunicado, porque a nossa feira sendo uma das mais antigas, a nossa associação tinha que entrar em conversação.³⁹

4 TERRITÓRIOS MÚLTIPLOS: À GUIA DE CONCLUSÃO

Trabalhar com sociabilidades no sentido de identificá-las é tarefa que requer dos pesquisadores envolvidos uma acuidade e sensibilidade de leitura muito apuradas. Ao longo dos dois anos de pesquisa sobre os inúmeros territórios inscritos no espaço da Praça XV de Novembro, tivemos a oportunidade de perceber os cruzamentos das experiências ordinárias, na expressão de Michel de Certeau, com as saturações que o tempo presente promove, identificando, a partir disso, o fenecer, o florescer e o tencionar das sociabilidades promovidas desde aqueles lugares praticados. A cartografia das sociabilidades realizadas e extraviadas ao longo do período estudado nos permitiu adequadamente relacionar a realidade contemporânea (de cara compreensão aos historiadores do chamado tempo presente) colocada nas cidades em geral, com as transformações específicas ocorridas no Centro Antigo da capital catarinense, especialmente na sua mais conhecida Praça. As falas, (res)sentimentos e impressões que fornecem e constroem sentidos à Praça XV de Novembro foram cruzadas com as práticas implementadas pelos sucessivos governos da capital, de tal sorte que podemos afirmar que a pluralidade e simultaneidade dos tempos e a sobreposição dos lugares produziram e produzem vincos nas formas de lermos e entendermos a ocupação dos espaços na Praça.

Neste sentido, ficou-nos presente que há diferentes Praças XV durante um mesmo dia, hora relógio como os trabalhadores o chamam. Foi possível também perceber que ao contrário do que colocou – especialmente o poder público e as camadas média urbanas – a Praça nunca esteve vazia, menos ainda de significados. Certamente por um período (mais de trinta anos), ela esteve ocupada por pessoas que passaram de “exóticos” – artesãos, andarilhos, sem tetos, prostitutas – a indesejáveis (se é que algum dia o foram de fato desejados). Podemos dizer que se houve algum sucesso no aumento da frequência da Praça, esse se deu pelo retorno das camadas médias, que uma vez sentido maior segurança e salubridade – auxiliada pelas intervenções públicas junto a entidades privadas, como vimos – volta a ocupar e constituir territórios. A campanha de retirada dos artesãos da Praça, iniciada em 1999 e finalizada em 2001, foi o diacrítico pelo

³⁷ A exemplo daqueles que colaboram com Catherine Bidou-Zachariensen (2006) em seu qualificado trabalho.

³⁸ SILVA, Laércio. *Depoimento concedido a Aline Fernandes Carrijo e Patrícia Tatiana Raasch*. Florianópolis: 06 set. 2008.

³⁹ Martins (2008).

qual percebemos o quão tenso e problemático é a constituição e apropriação dos espaços públicos no contemporâneo.

O Processo de revitalização que sucedeu a retirada dos artesãos foi intensificado através do aumento do fluxo turístico que ocorre na capital catarinense, e que agora teria então, um Centro Antigo e/ou “Histórico” a oferecer para o um “curioso estrangeiro” – o turista. Nessa ambiência de *city marketing*, ou seja, uma cidade capaz de simultaneamente oferecer a quem chega outras tantas cidades: do sossego, do agito, da modernização, das belezas naturais, da cultura mercantilizada; a Praça XV se nos assemelha como um micro-cosmo destes desejos, sua encarnação mais imediata e presente. Frente a isto foi significativo à pesquisa, o contato com as crônicas de Aldírio Simões. O cronista da capital insistia em recorrer às lembranças de uma Florianópolis ainda bastante provinciana, rivalizando com as sociabilidades e experiências empreendidas nas duas últimas décadas, inscritas na pretensão modernizadora e mais cosmopolita exibida pela cidade. Os estudos em relação a esse cronista precisam ainda ser estendidos (em outra oportunidade), qualificando a compreensão do que vive e fala sobre o pertencimento à capital do Estado.

Por último, a volta autorizada dos artesãos à praça XV de Novembro indica que foi uma adequada aposta à inferência temporal que colocamos a esta pesquisa. Iniciamos nossas reflexões com a expulsão dos artesãos da Praça XV e as tensões relacionadas a este empreendimento. A palavra mais adequada nos parece esta mesmo: empreendimento. Uma vez “transformados” em empreendedores, os “artesãos” agora voltam à Praça. As expressões postas propositalmente entre aspas indicam que o retorno da atividade de artesanato a ela são por demais diferenciadas da ocupação que eram encerradas ainda nas décadas de 1960 e 1970. Nos momentos revitalizadores dos espaços da Praça, vividos com maior intensidade partir da década de 1990, aos artesãos, agora empreendedores, oferecem produtos aos fregueses (em sua maioria turistas) que estão fora da dimensão artesanal, já inscritos na dimensão pós-industrial, invocando, portanto, novas tensões e mesmo estimulando outros estudos.

REFERÊNCIAS

ADAM, Edelberth. **Inventário das espécies arbóreas na região central de Florianópolis com uso de sistema de informações geográficas**. 2001. (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

ARANTES, Antonio. A guerra dos lugares. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, n.23, p. 192, 1994.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: **Enciclopédia Einauldi**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1984.

BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine (Coord.). **De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos**. São Paulo (SP): Annablume, 2006.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidade, cidadania e imaginário. In: SOUZA, Célia Ferraz de;

PESAVENTO, Sandra Jatayh (Org.). **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997. p. 13-20.

CARRIJO, Aline Fernandes. Espaço de Sociabilidades: a polifonia da Praça XV de Novembro em Florianópolis (SC). In: ENCONTRO REGIONAL SUL DE HISTÓRIA ORAL, 4. Florianópolis, 2007. **Anais eletrônicos**.... Florianópolis: UFSC, 2007.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORADINI, Lisabete. **Praça XV: espaço e sociabilidade**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes: Letras Contemporâneas, 1995.

FALCÃO, Luiz Felipe; DIAS, Rafael Damasceno. As errâncias da memória entre a lembrança e a nostalgia (diferenças culturais e identificações nas representações da cidade). In: Encuentro Internacional de Historia Oral, 2, Panamá, Cidade do Panamá, 2007. **Anais**...Cidade do Panamá: [s.n], 2007.

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo: SESC; Annablume, 1997.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JEUDY, Henry-Pierre. **Espelho das cidades**. Tradução de Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005;

LAPLATINE, François. **Aprender antropologia**. Tradução Marie-Agnès Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na cidade. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lílian de Lucca. (Org.). **Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana**. São Paulo: USP/ FAPESP, 2000. p.12-53.

ROLNIK, Sueli; GUATARRI, Felix. **Micropolítica – Cartografias do Desejo**. 9 ed. São Paulo: Vozes, 2005.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina**. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

SEVERINO, José Roberto. **Itajaí e a identidade açoriana: a maquiagem possível**. Itajaí: Univali, 1999.

SIMÕES, Aldírio. **Fala Mané**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1998.

SOUZA, Almir Antônio de. **Mãos de magia nas malhas do poder: A feira de artesanato da Praça XV em Florianópolis – entre lutas e resistência – (1969 – 1999)**. Monografia (Especialização), Centro de Ciências da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis: memória urbana**. Florianópolis: Editora da UFSC; Fundação Franklin Cascaes, 1993.



• **TERRITORIES AND
SOCIABILITY AT PRAÇA XV NOVEMBER
(FLORIANÓPOLIS-SC - 1990-2008)** •

Abstract: This article presents discussion on the various territories that the Praça XV adopts, and to check how people take ownership of this area. To achieve these objectives we start from the changes in the so-called "old town" of the city – where the square is placed – and from the sociability produced and experienced in their surroundings. Thus, we reflect the area as the scene of important events that culminated in emptying the old town and also culminated in its occupation, changing the sociability and social imaginary about the place, sometimes by the public power, either by the population.

Keywords: City. Sociability. Square. Territories.

• **SOCIABILIDADES Y
TERRITORIOS EN LA PLAZA XV NOVIEMBRE
(FLORIANÓPOLIS-SC - 1990-2008)** •

Resumen: El artículo presenta la discusión de los diversos territorios asumidos por la Plaza XV de Noviembre, verificando cómo sus "visitantes asiduos" se apropian de ese espacio, a partir de otros cambios ocurridos en el llamado "centro antiguo" de la ciudad y de la sociabilidad producida y vivida en sus alrededores. Por lo tanto, consideramos este espacio como escenario de importantes acontecimientos que culminaron en el vaciamiento del centro antiguo y en su grande proceso de recomposición territorial, cambiando las sociabilidades y el imaginario social sobre el lugar, tanto de la parte del poder público, cuanto de la propia población.

Palabras clave: Ciudad. Sociabilidad. Plaza. Territorios.